

3ª. JORNADA ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
 FACULDADES ATLÂNTICO SUL
 PELOTAS, 11. 06. 2008. - Composição para um mini-curso de 04 horas.

A EDUCAÇÃO FÍSICA: CIÊNCIAS, ESPORTE E CORPOREIDADE E OS PROCESSOS DE INCLUSÃO SOCIAL

INTRODUÇÃO

Para começar, três observações:

1. Uma reflexão filosófica

Filosofar é como brincar, não tem fim, sempre recomeça.

“A mente é um fogo a ser aceso, não um vaso a preencher” (Plutarco 45-120)

A maneira de desenvolver o tema. Minha formação acadêmica me obriga a dar um tratamento filosófico do tema. Uma formação filosófica racionalista. A racionalidade lógica. Aristotélica e cartesiana. Base a epistemologia

As questões sociais, existenciais, hermenêuticas, históricas, a dialética eram pouco exploradas. Ensinar filósofos ou refutar.

Findo o curso de graduação em filosofia, Licenciatura, descobri o filosofar. Final da década de 60. Na literatura brasileira Vidas secas de Graciliano Ramos – e Seara Vermelha de Jorge Amado. Duas figuras centrais: Fabiano e Gregório, respectivamente.

. Em primeiro lugar deve-se reconhecer que não há uma filosofia, mas diferentes filosofias. Pode-se falar em filosofia grega, existencialista, marxista, cartesiana, kantiana, hegeliana, fenomenológica, etc. O que não ocorre com as ciências. Não há uma física marxista ou existencialista.

As premissas adotadas imprimem as características que definem a corrente filosófica. Não pretendo assumir uma corrente filosófica, mas, certamente, devo reconhecer que pretendo praticar uma reflexão filosófica na linha fenomenológico-hermenêutica. Importância da linguagem. O ser humano; *zoon échon logon*. Tradução latina animal racional. Tradução correta: ser vivo possuidor de palavra ou fala. Logos é fala ou palavra ou linguagem

A filosofia não tem a função de responder, de condenar ou de aplaudir, mas de despertar reflexões, tocar consciências e promover debates. Por isso, estas últimas palavras, nem tanto conclusivas, classificam esta reflexão não como uma filosofia, mas como um filosofar.

O filosofar é uma forma de pensar que se infiltra entre o manifesto e o oculto. Não há resposta e, caso se pense em resposta, ela seria apenas a abertura para um novo questionamento. Filosofar é como o brincar, não tem fim, ambos renascem como o fígado de Prometeu. Se não pudessem renascer, não haveria mais brincar nem filosofar. O brincar e o filosofar abrem os espaços para seqüências de novas sinapses. Plutarco, (filósofo grego, 45-120), neste seu aforismo, parece ter antecipado a teoria das sinapses:

- A Filosofia tem a função de promover reflexões, despertar consciências e alimentar debates.
- Filosofar e brincar são duas formas de exercer a liberdade e de inventar.

É importante sublinhar o fenômeno das SINAPSES

- Sinapse, ligação, ponto de junção. Região de contato entre dois neurônios ou contato entre um neurônio e um músculo que ele inerva. Inervação modo de agir do sistema nervoso. Distribuição de nervos.
- Sinapse= comunicação entre as células nervosas (neurônios).
- Ponto de encontro entre neurônios.
- As células do cérebro “conversam entre si”
- Neurotransmissores = mensageiros do cérebro.
- Categorias de sinapses
- Elétrica e química.

2. Palavras chaves:

Ciência – Esporte – corporeidade
definem o conteúdo.

Educação física articula o conteúdo.

Inclusão social é o espaço de aplicação

3. Funções da filosofia

Podem ser várias. Aqui é adotada esta função: A filosofia não tem a função de responder, mas de promover reflexões, despertar consciências e alimentar debates.

O importante é filosofar.

Dificuldades:

Ao consultar a literatura, ainda que bastante limitada, sobre as iniciativas de compreender a educação física enquanto atividade eminentemente educativa, percebi que, desde o início, os obstáculos foram muitos, e continuam aumentando. Um exemplo muito elucidativo foi registrado pela Profa. Janice Zarpellon Mazo a partir de sua pesquisa sobre a história do CEFD da UFSM.²⁷² A pesquisadora revelou que o conflito se estabeleceu entre os defensores do modelo científico empirista e aqueles que defendiam uma linha mais humanista. E completa: “Mesmo com a presença dos professores visitantes alemães que trouxeram a discussão pedagógica voltada para o campo das Ciências Sociais e Humanas, o mestrado seguiu o modelo americano de pós- graduação. (...) Muitos professores não reconheciam como científico ou desconsideraram os estudos realizados no campo das Ciências sociais e Humanas”.²⁷³

Vou tomar como ponto de partida, as seguintes palavras do prof. Dickert sobre as características do primeiro grupo de mestrando do CEFD/UFSM: “... eu tive uma situação de conflito com meus colegas alunos quando pedi que escrevessem um pensamento argumentativo (...), porque achei uma situação bem normal da vida e da necessidade de justificar o que eles fazem, quinze ou mais professores. Treze professores recusaram-se inicialmente de fazer a tarefa e só depois fizeram (...) foi um conflito de repente e eles aprenderam que tem que trabalhar de uma maneira diferente. Comigo não receberam somente xerox do professor, eles imitavam o professor e, se o professor não deu muita coisa, eles fariam pouca coisa claramente. Mas eu acho que o desenvolvimento do aluno,

²⁷² A pesquisa da Profa. Janice Zarpellon Mazo, realizada para obtenção do título de Mestre, resgatou a história do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade de Santa Maria. Foi editada pela UFSM sob o título: História do Centro de Educação Física e Desportos / UFSM - 25 Anos.

²⁷³ Mazo, J. Z. História do Centro de Educação Física e Desportos / UFSM – 25 Anos. P. 74.

do cientista é não fazer xérox, mas desenvolver a coisa de uma maneira autônoma”.²⁷⁴

Observando com mais atenção o que foi dito acima parece que a questão pedagógica estava intimamente ligada ao paradigma científico. Neste sentido, nada melhor do que ouvir o depoimento do Prof. Reiner: “Eu tentei abrir, desde o início, uma discussão científica sobre paradigmas diferentes dentro da nossa ciência, eu posso dizer, infelizmente eu não consegui abrir essa discussão, especialmente para os colegas que trabalham no mestrado”.²⁷⁵ Em outros momentos, o prof. Reiner reconhece que, apesar das resistências e, até, hostilidades por parte de docentes, recebeu dos alunos e de alguns docentes forte cooperação e muito apoio.

Outro ponto que merece maior atenção está na maior aproximação entre a pedagogia e o paradigma das ciências sociais e humanas. Por outro lado ficaria confirmado que as ciências empíricas possuem maior afinidade com as práticas esportivas, em particular quando se fala de competição e de performance.

Educação física como um curso acadêmico. Não vamos entrar no mérito se é ou não uma ciência. Também não sobre licenciatura ou bacharelado. O professor e o profissional. Mercado de trabalho e a escola.

A educação física, nesta reflexão, contém três elementos: as ciências, o esporte e o corpo. Esses três elementos são apresentados como recursos para a inclusão social.

Em qualquer situação encontramos as ciências, o saber.

Encontramos o esporte, como uma forma de atividade física.

Encontramos o corpo. Falo em corporeidade (corporalidade) como formas de manifestação de corpo.

Inclusão social

Não queria só constatar tais elementos, mas como podem ser direcionados à inclusão social.

I. A Ciência

O saber sempre foi a referência da ação humana.

A humanidade sempre se orientou pelos saberes que construiu.

A mitologia. Idéia do Sagrado.

Havia entidades.

Forças ocultas, Magias. Controle através de rituais.

A episteme grega. – Conhecimento racional

Explicação teórica.

Uma ordem lógica. Princípios – o princípio de causalidade. O efeito é da mesma natureza da causa.

Com o surgimento das ciências, essas “teorias” primitivas e suas práticas correspondentes e os princípios racionais teóricos foram substituídos pelas leis da física e da mecânica, com isso foi possível

²⁷⁴ Dickert, J. Apud Mazo, J. Z. Op. Cit. p. 59

²⁷⁵ Reiner, H. Apud Mazo J. Z. Op. Cit p. 65.

desenhar outra forma de operacionalidade.

Ciências empíricas. - Modernidade

O que intriga e contrapõe os pesquisadores é a legitimidade destes saberes. A questão pode ser resumida pela preocupação em identificar os fundamentos que estabeleceram e conduziram os diferentes processos de produção de conhecimentos. Neste sentido, o biólogo chileno, Francisco Varela, é muito enfático ao afirmar que, sob o ponto de vista epistemológico, “cada época da história da humanidade produz, por suas práticas sociais quotidianas e sua linguagem, uma estrutura imaginária. A ciência é uma secção dessas práticas sociais, e as teorias científicas da natureza representam apenas uma dimensão desta estrutura imaginária.”²⁷⁶ Ele acrescenta duas outras observações que, certamente, são muito importantes para esta reflexão. De um lado, observa ele, filósofos e cientistas modernos, desde Alexandre Koyré, reconhecem que a imaginação científica se transforma radicalmente de uma época para outra. De outro lado, continua Varela, sendo a ciência uma atividade social, ocorre que ela é atravessada por correntes de poder que conferem a certos domínios mais autoridade do que a outros²⁷⁷.

Diante das afirmações de Varela fica claro que há uma distinção entre cientificidade e ciências. As ciências são organizações de saberes, fundadas num determinado paradigma epistemológico. Aqui poderiam ser incluídos os paradigmas míticos, fundadores das mitologias. É comum se admitir caráter científico apenas às organizações de saberes que seguem o pensamento lógico racional. Modelo iniciado pela “epistheme” grega. A partir desta convenção, todos os saberes, destituídos de racionalidade lógica, não gozam de legitimidade científica.

Hoje, o paradigma epistemológico oficial é o das ciências modernas, e, no seu interior, a secção que goza de maior autoridade é a das ciências naturais ou exatas. Em nome delas se exerce o poder de controle, tanto na esfera da produção de conhecimento, quanto na esfera de domínio político. Assim as instituições governamentais adotam como referencial científico as ciências modernas. Os órgãos, encarregados de promover o desenvolvimento do conhecimento, usam o critério da pesquisa empírica. A esses órgãos ou seus representantes, compete julgar o mérito de uma pesquisa, de uma tese, da instalação e avaliação de cursos e instituições de ensino, das produções de conhecimento e das respectivas publicações, além de estabelecer quais são os veículos de comunicação confiáveis.

O mito

A ciência moderna construiu seu castelo mitológico sobre dois pilares. O primeiro e mais sólido é o do monopólio do saber, construído sobre as rochas das certezas e das verdades. A ciência moderna seria onipotente conduzida pelas luzes da deusa Razão. Ela chegou para anunciar o fim dos mitos, das mitologias e das crenças. E foi e é aplaudida de pé pelos homens das ciências.

Os cientistas modernos, armados do novo paradigma epistemológico, seriam capazes de explicar todos os mistérios e desmascarar todos os milagres. Seria uma questão de tempo para desenhar claramente o real em fórmulas e geometrias. O universo acabaria sendo representado com fidelidade pelas conquistas científicas. A ciência se transformaria no espelho “mágico” refletindo o universo. Não haveria mais necessidade de olhar a realidade externa, bastava contemplar o espelho para conhecer o real.

O segundo pilar do castelo mitológico da modernidade foi fundado sobre o conceito de neutralidade. A ciência para ser ciência deve cultivar a objetividade e só a objetividade. A

²⁷⁶ Varela, Francisco J. *Connaître - les sciences cognitives, tendances et perspectives*. Paris: Seuil, 1974, p.9/10.

²⁷⁷ Varela, F. J. Op. Cit p. 10 e 13.

subjetividade devia ser totalmente eliminada. A ciência foi transformada no juiz totalmente confiável pelo seu domínio da verdade e pela objetividade da imparcialidade.

Como complemento deste reinado da ciência, ou das ciências, o bem-estar da humanidade estaria assegurado. Todos os males, talvez, as injustiças também, encontrariam a solução. Estava inaugurado o reino do homem sobre a natureza.

Algum tempo passou, o suficiente para abalar os pilares da verdade científica e da neutralidade. Os estudiosos da ciência, sem negar a validade da mesma, voltaram seu olhar atento sobre as ciências apontando seus méritos e seus limites.²⁷⁸ Assim, a ciência, desenhada pela cientificidade moderna como a fonte exclusiva do saber verdadeiro e imparcial, passou a sofrer a erosão dos ventos míticos.

Os fatos

Os ideais originais da ciência moderna, antes mesmo do que se esperava, começaram a sofrer as contradições dos fatos. Primeira amarga constatação: o paradigma epistemológico da cientificidade moderna não passa de uma secção da construção imaginária de uma ordem social, conforme a observação de Francisco Varela, acima citada e corroborada por outros pensadores e cientistas.²⁷⁹

As questões propriamente científicas não serão tratadas devido aos limites e aos objetivos desta reflexão, entretanto, é preciso sublinhar que ninguém, em sã consciência, pode negar as grandes contribuições das ciências especialmente no que se refere ao aumento das potencialidades das forças da natureza e do ser humano. Os fatos comprovam tais conquistas.

O reconhecimento do avanço das ciências e suas contribuições para o desenvolvimento da civilização humana não exclui, necessariamente, outras leituras da presença da ciência moderna. A leitura, proposta nesta reflexão, busca compreender a situação do ser humano em sua existência individual e social no momento em que “vivemos na Idade da Ciência”.²⁸⁰

Para expor de maneira resumida a existencialidade humana na Idade da Ciência nada mais seguro, talvez, cômodo, recorrer à sabedoria reconhecida de alguns mestres.

A autoridade das sábias observações de Husserl, já na aguda visibilidade de sua vida quase octogenária, nos limiares anunciando a segunda Guerra Mundial, ele, num grito de alerta, profere a famosa conferência, lembrada como “Krisis”, da qual foi extraída a seguinte passagem: “Na angústia de nossa vida – o que nós ouvimos em toda parte – esta ciência nada tem a nos dizer. As questões que ela exclui por princípio são precisamente as questões que são as mais ardentes de nossa época infeliz para uma humanidade abandonada às reviravoltas do destino: estas são as questões que conduzem ao sentido ou à ausência de sentido de toda nossa existência humana”²⁸¹

O grito de alerta husserliano foi ouvido e ampliou sua tonalidade através de outros pensadores, em especial, os da área das ciências humanas, entretanto, atualmente, a maior colaboração surge entre os cientistas.

Muitos poderiam ser lembrados, mas Humberto Maturana, certamente, é um excelente representante. O seu questionamento em relação às ciências está presente em várias obras suas, mas

²⁷⁸ Os estudiosos da ciência constituem, atualmente, um número crescente de pensadores de todas as áreas que se dedicam a estudar as ciências, como um objeto de pesquisa. A ciência se tornou um objeto de pesquisa, seja como produção do saber, seja como organização de cientista ou seja como questionadores dos poderes que os cientistas, do alto de seu pedestal, se auto-conferiram. A literatura já é vasta e as adesões de estudiosos não param de aumentar.

²⁷⁹ Entre eles é bom lembrar, H. Maturana, Bruno Latour, Hilton Japiassu, Alan Chalmers, Gerard Fourez, Peter Sloterdijk, John Horgan, Boaventura de S. Santos, Rubem Alves, Edgar Morin, etc.

²⁸⁰ A expressão “Vivemos na Idade da Ciência” é utilizada pelo Prof. Emmanuel Carneiro Leão para afirmar que é o momento histórico em que a ciência determina o ser e a verdade do real.

²⁸¹ Husserl. E. Trad. Francesa La crise des sciences européennes. Paris: Gallimard, 1976, p. 10

a seguinte passagem parece resumir a idéia central de seu pensamento: “Em nossa cultura moderna ocidental falamos da ciência e da tecnologia como fontes de bem-estar humano. Todavia, geralmente não é o bem-estar humano o que nos faz valorizar a ciência e a tecnologia, mas mais precisamente, a possibilidade de dominação, de controle sobre a natureza, e a riqueza ilimitada, que parecem oferecer. Lutamos contra uma natureza hostil, dizemos, e buscamos o conhecimento científico como se fosse um instrumento que nos permitiria controla-la e manipula-la, em lugar de compreendê-la”²⁸². Neste último aspecto Pierre-Marie Brunetti afirmou: Uma boa medicina não é a dominação tecnológica da natureza, mas a compreensão de sua lógica”²⁸³. Nada impede que se substitua a medicina pela ciência.

Para completar estes depoimentos sobre a ciência, que são muitos, é preciso voltar a estas palavras de Maturana: “Considero que o maior perigo espiritual que uma pessoa enfrenta em sua vida é acreditar ser o dono da verdade, ou o defensor legítimo de algum princípio, ou o possuidor de algum conhecimento transcendental, ou o dono legítimo de alguma entidade, ou o merecedor de alguma distinção, etc., porque ele ou ela tornam-se cegos a suas circunstâncias, e ingressam no caminho sem saída do fanatismo”²⁸⁴.

Certamente, muitos comentários podem ser feitos, mas como não se trata de apresentar a verdade e sim provocar uma reflexão sobre os efeitos das ciências na vida humana, essas poucas citações são suficientes para ativar os sonhos humanizantes.

Os rumos da física para a biologia e para as neurociências.

Da física para a biologia. A física visa, em princípio, um bem externo. A máquina produz um resultado. A biologia propõe um bem interno (qualidade da vida), mas ainda continua com o paradigma epistemológico das ciências empíricas.

As neurociências um sistema comunicacional.

II. O Esporte

O esporte é uma invenção moderna.

Entrou no mesmo projeto do sistema produtivo da era industrial. No século XIX houve a descoberta da ciência como fundamento da atividade produtiva do homem. Tudo é feito sob o rótulo da mercadoria, em lugar de bens para a vida humana.

Afirmar que as ciências modernas foram proclamadas a base única e indispensável para legitimar todas as atividades produtivas do homem parece não encontrar nenhuma resistência. As discordâncias surgem quando se introduz a questão ética, mas este enfoque não faz parte desta reflexão filosófica.

Com base na afirmação, acima feita, o esporte, sendo uma das atividades humanas em grande expansão, não poderia deixar de ficar imune ou excluído dos saberes científicos. As atividades esportivas, assim como as atividades industriais, comerciais, agrícolas, governamentais, comunicacionais, etc. foram encampadas e controladas pelas ciências.

²⁸² Maturana, H. La realidad: objetiva o construida I. Funcamentos biológicos de la realidad. Barcelona: Anthropos, 1997. p. 98.

²⁸³ Brunetti, Jean-Marie (Org.) La Médecine a la Question – Une Science de la santé au-delà des mythes de la technique. Paris: Fernand Nathan, 1981. p. 1.

²⁸⁴ Maturana, H. Op.Cit. p.102.

Ninguém dúvida que os conhecimentos científicos desenvolveram altas tecnologias de superação dos limites humanos, o caminho mais seguro para se chegar aos ideais de *citius, altius, fortius*.

A questão está em saber se as, assim chamadas, ciências do esporte atendem e respeitam a constituição biológica do ser humano. Em outras palavras, o ser humano é a referência prioritária da prática esportiva ou são os modelos esportivos que determinam o modelo da pessoa que pratica tal ou tal esporte?

A resposta mais propalada é de que o fim último do esporte é o bem-estar do seu praticante. Talvez, seja possível. Para isso, certamente, será preciso distinguir o esporte de alto rendimento dos demais modos de práticas esportivas. Infelizmente, aqui, não será viável trazer os argumentos desta exclusão. Os fatos, já conhecidos, podem ser suficientes. Deve-se considerar também que muitos praticantes de esportes, embora abaixo dos índices de alto rendimento, não consideram seus limites e seguem a ideologia do rendimento.

A aproximação dos recursos científicos às práticas esportivas trouxe uma constante aceleração dos índices de rendimento a tal ponto que a constituição genética da corporeidade pode ser dispensada. Dois exemplos, há outros, são suficientes para sustentar tal tese. O primeiro exemplo nos vem da China através do Site Terra com o título “A China cria fábrica de atletas para vencer Olimpíada”.²⁸⁵ Em entrevista ao Terra, a diretora do centro de treinamento, Li Yuan, explica como funciona a formação esportiva e a dura rotina para se tornar um atleta de alto nível. O segundo exemplo é mais visível e empolgante. Trata-se do caso, já mundialmente conhecido, protagonizado pelo atleta sul-africano, Oscar Pistorius. O físico Marcelo Gleiser, em seu artigo, O homem biônico, publicado na Folha de São Paulo, tece uma argumentação muito estimulante para concluir que “em breve, os atletas mais velozes do mundo não terão pernas”.²⁸⁶

Não quero negar o esporte como possibilidade de contribuir para uma boa educação, uma qualidade de vida e para manter a saúde. Os fatos, entretanto, desmentem em larga escala essas crenças. Por exemplo, por que todos os clubes possuem um departamento médico? Por que foi criada uma medicina esportiva? Por que grande número de atletas sofre lesões e similares de toda ordem? Por que em todos os eventos esportivos deve haver equipes médicas com ambulâncias e UTIs móveis? Por que nas Olimpíadas, ao lado de todas as condições e recursos para as práticas esportivas, se exige um sofisticado hospital para atender os atletas? Por que existem uma equipe anti-doping e um tribunal para julgar os casos de doping?

Diante dessas constatações, quando ouço as belas palavras que envernizam o esporte de rendimento com pedagogia, com saúde e com qualidade de vida, sou levado a desconfiar que há algum pigmento de cinismo. Se o cinismo for exagero, peço desculpas, mas, então, deve haver muita ingenuidade.

Vivemos num sistema produtivo, onde tudo deve entrar na ciranda comandada pelos dois pólos, da produção e do consumo. O corpo passa a ser mercadoria de compra e venda. Essa venalidade pode acontecer em três espaços, os das satisfações alimentares, o das práticas esportivas e o dos prazeres sexuais.

Nestes níveis de comércio o indivíduo, ainda, é, ou julga ser, o dono do próprio corpo, mas há um outro nível de comércio, em que o corpo é alienado. Se torna propriedade alheia. A mais antiga e a mais freqüente é a escravidão. Hoje acontece no mercado do corpo para fins de transplantes ou de experiências científicas. A literatura sobre o assunto cresce constantemente. Vou citar, apenas, um

²⁸⁵ <http://esportes.terra.com.br/pequim2008interna/0,,OI2079893-EI10378,00.html>

²⁸⁶ Jornal, Folha de São Paulo, caderno Ciência, 20.01.2008.

livro porque, no meu entender, resume toda a situação. Refiro-me ao livro, O Mercado Humano – Estudo bioético da compra e venda de partes do corpo, de Giovanni Berlinguer e Volnei Garrafa.²⁸⁷

Vivemos uma ordem científica. A ciência moderna nasceu com o projeto de resolver todos os problemas da humanidade. Seu ideal maior era promover o bem-estar da pessoa. E conseguiu? Em parte. Da mesma forma que o sistema capitalista. Ele é um grande êxito para 30% da população mundial. A ciência conseguiu ampliar as capacidades humanas? Conseguiu. Haja vista a quebra de recordes a todo instante. Infelizmente a porcentagem dos que tiveram êxito, nunca é divulgada. Não há interesse.

III. A corporeidade

Ressurreição e recriação do corpo da pós-modernidade.

Não seria a primeira recriação. Os gregos recriaram o homem diante das mitologias. O Cristianismo, diante do paganismo. O iluminismo, diante da filosofia medieval.

A pós-modernidade recria o homem como ser corporal

A corporeidade designa a estrutura, a organização de um corpo. Os corpos podem ser vivos ou não vivos.

O corpo o modo de ser do homem.

Exigência de algo estranho, diferente do corpo, para se obter o humano do homem.

Esse elementos possibilitava a exclusão ou o surgimento de estranhos. (

Há dois milênios, o pensador grego, Plutarco (45-120), sustentava a tese de que “A Natureza nos pos em aberto, em plena liberdade; somos nós que nos pomos no fechado, nos carregamos de cadeias e nos aprisionamos no pequeno canto que escolhemos por morada”.²⁸⁸ Já no século XVI, Montaigne (1533-1592) repete a mesma idéia dizendo que “A Natureza nos põe no mundo livres e sem cadeias; somos nós mesmos que nos aprisionamos nos lugares”.²⁸⁹ Portanto, se a natureza conferiu a todos a condição de livres no interior de uma ordem natural – e aqui natural não é o oposto de social – é de se supor que, ao surgir limitações e distinções ao direito de liberdade, deve ter havido alterações na ordem primordial.

Uma corporeidade mecânica e uma corporeidade viva.

Diferentes arquiteturas.

O corpo humano como ser vivo entre os seres vivos. Uma estrutura orgânica. O mundo da biologia.

O corpo humano como estrutura social.

Vamos falar da corporeidade, anterior às ciências.

O corpo simplesmente corpo.

O conceito de corpo.

A natureza criou muitos corpos.

A vida foi e é o maior laboratório da criação de corpos. Lembrar Gregory Bateson.

²⁸⁷ Berlinguer, Giovanni e Garrafa, Volnei. O Mercado do Corpo – Estudo bioético da compra e venda de partes do corpo.

²⁸⁸ Apud La Boétie, Etienne De. Discurso da Servidão Voluntária. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 209.

²⁸⁹ Apud La Boétie. Id. Ibid.

Criou os corpos humanos.

O homem se distanciou da natureza. A natureza algo hostil.

O corpo humano adquiriu autonomia diante da natureza.

O corpo humano, cérebro, criou a consciência. A consciência se tornou autônoma. Domina o corpo como algo estranho.

A biologia coisifica o ser humano, o reduz à matéria e inscreve a vida humana num determinismo estrito sobre o modelo da física e depois da inormática.

“De um lado, portanto, mais uma vez um corpo modelável e desnaturalizável, de outro lado um corpo que será necessário entrega-lo a si mesmo, à integridade que a natureza tende normalmente a lhe dar, e ao respeito que lhe é devido.” Dominique Memmi.

Lutamos como a apropriação objetiva e econômica do corpo, tanto por parte do indivíduo, quanto pelos outros. Antigamente se vendia a alma inteira, agora pode-se vender, graças às neurobiologia, sua alma em detalhe, neurônio por neurônio, sinapse por sinapse. D. Memmi.

Antropologia (sociologia) corporal e Antropologia (sociologia) racional

O corpo ressuscitado – um sentimento de perda.

Na superioridade das explicações científicas sobre as práticas mágicas e místicas deu ao homem moderno a impressão de ser todo-poderoso. O universo aos seus pés. O homem se tornou estranho de si mesmo. Nestes grandiosos templos do saber científico “está o indício simultâneo e doloroso de que algo se perdeu” (Marx Weber).

A nova libertação do corpo.

Vivemos uma ordem social em que o corpo, é exaltado, mas ao mesmo tempo humilhado. Exaltado por receber condecorações. Humilhado porque precisa passar por uma bateria de renúncias, sacrifícios e disciplinas. É liberado, mas ao mesmo tempo aprisionado. Liberado para se desnudar ao público. Aprisionado porque para se desnudar precisa estar modelado segundo os padrões exigidos. É cultuado, mas ao mesmo tempo massacrado. Cultuado porque se torna um fetiche de sedução. Massacrado porque precisa incorporar o perfil que seduz.

Corpo sedutor e seduzido.

O corpo feminino parece ser o mais liberto e o mais escravizado. O mais sedutor e o mais seduzido.

As disciplinas modernas. A disciplina parece ser, em Foucault, o ponto alto de controle sobre o corpo por ser uma “técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos”. (Microfísica do Poder p. 106) Assim o corpo dominado torna-se um corpo que deve liberar cada uma de suas partes à inspeção de uma consciência. O esquema corporal torna-se uma imagem que deve ser prospectada minuciosamente como uma figura totalmente visualizável.

Acredito poder anunciar sinteticamente a linha pedagógica disciplinadora, denunciada por Foucault, com estas palavras: A disciplina “coloca os corpos num pequeno mundo de sinais a cada um dos quais está ligada uma resposta obrigatória e só uma”. Me parece que neste mecanismo de controle reside toda tecnologia de dominação e de exclusão do corpo. A prática desta tese pedagógica acontece na técnica do treinamento porque “*exclui despoticamente em tudo a menor representação, e o menor murmúrio; o soldado disciplinado começa a obedecer ao que quer que lhe*

seja ordenado; sua obediência é pronta e cega; a aparência de indocilidade, o menor atraso seria um crime". E segue dizendo que o treinamento dos escolares deve ser feito da mesma maneira; "poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo silêncio total que só seria interrompido por sinais - sinos, palmas, gestos, simples olhar do mestre". Cf. Vigiar e Punir p. 148 e Microfísica do Poder p. 105)

AS CILADAS CONTRA A ANTROPOLOGIA (SOCIOLOGIA) CORPORAL

A antropologia corporal não tem apenas que travar uma luta contra a pesada carga da nossa herança corporal, talvez, essa seja a menos traumática; ela precisa enfrentar as armadilhas insidiosas de inimigos internos.

A antropologia corporal é, sem dúvida, a exaltação da corporeidade, mas não enquanto reflete a materialidade do corpo tradicional, mas o corpo que abrange toda ação humana. Essa exaltação, entretanto e já que a nova compreensão de corpo não está ainda incorporada em nosso cotidiano, acaba por se prestar para uma nova forma de humilhação do corpo. Aquilo que parecia ser um libertação pode tornar-se um novo tipo de reclusão. Proclamar a recriação do homem numa antropologia nascida da ressurreição do corpo não é suficiente. É preciso reformar o pensamento, alterar hábitos e rever valores.

A antropologia corporal encontra no 'imajário' ou 'imageria' um imenso espaço para se desenvolver. Na medida em que o corpo deixa de ser uma máquina, ou um simples organismo vivo, ele passa a ter formas, a ter rosto, a ser expressivo, a estar presente. A questão, entretanto, é saber que tipo de presença, quais os traços de seu rosto, qual sua fala, que formas estéticas deve assumir. Evidentemente as respostas deveriam partir de cada corpo e, de forma alguma, ser dadas ou impostas de fora. Cada corpo é uma presença, um rosto, uma fala e uma figura estética. Infelizmente o que acontece é o contrário, as imagens são produzidas de fora e vendidas em toda parte, exploradas com o mais deslavado cinismo, pior, as pessoas com muita docilidade se submetem, às vezes, sentem-se orgulhosas de estar reproduzindo imagens comercializadas. Pode-se apagar ou introduzir imagens nas fotografias. Prática muito utilizada na política e no jornalismo. Na ordem social acontece o mesmo, os mendigos são retirados, na hora das visitas ilustres, particularmente, governantes. Uma operação de guerra é mobilizada para impedir a entrada no salão das exposições obras falsificadas. Os excluídos da ordem social recebem o mesmo tratamento quando querem entrar nos espaços das elites. A imprensa televisiva é responsável pelas mais mortais ciladas contra as imagens corporais.

Na antropologia racional o corpo era submetido à mente, agora ele se submete a corpos estranhos, enquanto quer reproduzi-los copiando sua imagem.

Junto com as explorações da imagem corporal encontramos a exploração da força sedutora. O corpo possui uma força de persuasão pela sedução muito superior à força que possuem os raciocínios de convencimento. Não se trata da sedução sexual, mas da sedução de uma imagem simbólica que substitui o objeto representado. O discurso político, ao lado do discurso da publicidade econômica, tornou-se o grande manipulador de imagens. Não são idéias, raciocínios ou ideologias que sustentam o discurso político atual, mas a manipulação de imagens. O eleitor é seduzido pelos perfis corporais que o acariciam em seus desejos, em lugar da ideologia que o levaria a pensar e refletir. Ele não decide mais. Cai na armadilha do sedutor. O corpo tornou-se a encruzilhada de toda sedução, ele

seduz e é seduzido.

Os marketeiros da política e da economia alcançaram uma tecnologia de sedução que se tornou irresistível ou quase irresistível. A palavra é o que menos conta, o que importa é a imagem, os jogos de efeitos especiais. A possível vítima da sedução não tem tempo de reagir, fica envolvida por que acaba coadjuvante das cenas.

Outra fonte de ciladas vincula-se às necessidades corporais. A arquitetura do corpo demanda uma série de recursos para concretizar sua construção. As necessidades tem seus limites, mínimos e máximos, dentro deles cada corpo precisa abastecer-se. Outros interesses, especialmente de ordem econômica, acabam por estimular ao máximo os desejos oriundos destas necessidades fazendo com que a percepção da necessidade carente e da necessidade satisfeita fique completamente desorganizada. O corpo humano perdeu sua capacidade de autoorientação. Permaneceram imunes, apenas algumas funções básicas como da respiração ou da circulação. O apetite, por exemplo, ficou completamente desarticulado. Estudos recentes comprovaram que até os animais domesticados perderam qualidades instintivas particularmente no que se refere a seu regime alimentar.

O consumismo é o fato mais eloquente desta exploração das necessidades corporais. A área alimentar é a mais visada e a mais visível. Há comidas, bebidas e dietas para tudo e todos. Há também drogas ao infinito para sanar os possíveis abusos. Há sempre necessidades insatisfeitas e há sempre excessos de satisfação. Mas para tudo tem enlatados e remédios.

Uma cilada muito sutil e eficaz é a que se apóia no princípio do prazer. O prazer deixou de ser uma questão controlada por normas morais, para tornar-se um direito do homem. Todo ser humano tem direito ao prazer. Assim as ofertas de satisfação de prazer não encontram limites. O próprio indivíduo colabora na medida que o prazer justifica seus atos. O fumante, o usuário de drogas, esquece os males destrutivos do corpo em nome do prazer, ou suposto prazer, que usufrui. Um jornalista escreveu, "para que deixar de fumar, se o prazer de fumar é muito superior ao prazer de viver".

O processo econômico globalizante, que nos domina, não deixou escapar o corpo, sendo, inescrupolosamente, anunciado como a próxima fronteira do capital. Nos rastros dessa inclusão do corpo no rol dos objetos mercadejáveis, surge um mercado clandestino de órgãos para transplantes. A imprensa está recheada de notícias sobre desaparecimentos e, até, adoções suspeitas, mas que não se consegue, ou não se quer, comprovar. Os países subdesenvolvidos, já exportadores de matérias-primas para a indústria, tornam-se potenciais exportadores de órgãos e corpos como matéria-prima para os diferentes usos, como pesquisas ou transplantes dos países desenvolvidos e, neles, os poderosos detentores do capital.

Todas essas ciladas acabam por transformar a libertação do corpo numa nova forma de escravidão, e pior que a anterior. Antes o corpo era escravo de um patrão de ordem supostamente superior, pelo menos, que se apresentava como algo distinto do corpo. Agora a escravidão está enraizada no próprio corpo, ela está sendo proposta em nome do corpo, não mais em nome da psiqué, da alma ou da mente.

Freud disse que "o recalque acarreta uma volta do recalado, tanto mais poderosa quanto mais

rigoroso é o interdito". Se esta tese for verdadeira a liberação do corpo do jugo da razão ou da alma que durou mais de dois milênios proporciona um desrecale de máxima virulência, o que poderia justificar a viabilização das investidas consentidas destas ciladas.

Se tomarmos a tese do sociólogo brasileiro José Luís Fiori de que, não chegamos à pós-modernidade, estaríamos, ainda, em plena modernidade e sob a égide de sua primeira utopia. Ou seja, chegamos ao momento totalitário da utopia liberal. O que reforça, em parte, Popper, o filósofo neopositivista austríaco, quando fala dos totalitarismos que se organizam em torno de planos. Nós vivemos exatamente esse totalitarismo em torno de um plano econômico, parâmetro para julgar tudo o que acontece e está por acontecer. Mas o totalitarismo mais nefasto é aquele que se enraíza internamente, se apresenta com a máscara da autonomia e da libertação. A exaltação do corpo pode ser a sua escravidão. Assim como o fortalecimento do corpo pelo atleta para exauri-lo numa maratona, pode significar o seu massacre.

As disciplinas são métodos que codificam ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos, tanto que elas podem ser definidas como uma arte de distribuição espacial dos indivíduos e uma análise do espaço. Dá-se a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório e combinatório. Assim passa-se a observar "a maneira como os gestos são feitos, qual o mais eficaz, rápido e melhor ajustado". (Microfísica do poder p. 106) Foi assim que se instalaram múltiplos processos disciplinares em diferentes instituições. Mas segundo Foucault, as disciplinas se tornaram fórmulas gerais de dominação particularmente nos séculos XVII e XVIII. Tais disciplinas eram diferentes da escravidão, na qual acontecia uma apropriação dos corpos. Eram diferentes da vassalagem feudal, na qual se instalou a submissão pelos rituais da obediência ao soberano. Eram diferentes também do ascetismo monástico que visavam a renúncia dos apetites corporais, e não sua maior performance. As disciplinas modernas se desenvolvem na perspectiva de aumento das potencialidades do corpo em benefício de um maior rendimento. Assim, quanto mais disciplinado for o corpo, mais útil ele será. (Vigiar e Punir p. 127) Hoje, parece que a análise do corpo, feita por Foucault, à luz das formas disciplinantes, tornou-se incompleta diante das explorações do corpo utilizando drogas, aceitas como lícitas, para ampliar suas performances. O exemplo mais retumbante, sem dúvida, pode ser o Viagra.

Esta modalidade moderna de disciplina atinge seu ponto alto no momento que deixa de estabelecer um controle repressivo sobre o corpo, para desenvolver um controle estimulador. Assim o corpo pode buscar qualquer tipo de prazer, na comida, na bebida, no sexo, mas deverá submeter-se aos digestivos, aos controles de reprodução, às técnicas de proteção de doenças transmissíveis. O corpo pode despir-se, expor-se, ser sedutor; mas deverá manter formas mínimas de estética, como ser magro, bonito, bronzado, saudável. (Microfísica do Poder p. 147).

Para concluir essa questão, Husserl oferece uma oportunidade de reflexão através desta afirmação: "La simple science des corps manifestement n'a rien à nous dire, puisqu'elle fait abstraction de tout se qui est subjectif".²⁹⁰

IV A Educação Física

Apenas duas palavras

²⁹⁰ Husserl, E. Op. Cit. p. 10-11.

Não se trata de entrar nas questões da educação física como curso ou ciência. Licenciatura ou bacharelado, ma apenas como articuladora, nesta reflexão, da ciência, do esporte e da corporeidade nos processos de inclusão social.

Na escola, o esporte escolar.

Nos esportes de alto rendimento. Nos eventos esportivos.

V. Processos de inclusão social

O trabalho como inclusão e exclusão social

A pedagogia ou a escola inclusiva

A mendicância inclusiva ou exclusiva.

Há dois milênios, o pensador grego, Plutarco (45-120), sustentava a tese de que “A Natureza nos pos em aberto, em plena liberdade; somos nós que nos pomos no fechado, nos carregamos de cadeias e nos aprisionamos no pequeno canto que escolhemos por morada”.²⁹¹ Já no século XVI, Montaigne (1533-1592) repete a mesma idéia dizendo que “A Natureza nos põe no mundo livres e sem cadeias; somos nós mesmos que nos aprisionamos nos lugares”.²⁹² Portanto, se a natureza conferiu a todos a condição de livres no interior de uma ordem natural – e aqui natural não é o oposto de social – é de se supor que, ao surgir limitações e distinções ao direito de liberdade, deve ter havido alterações na ordem primordial.

O surgimento das alterações na ordem da natureza, evidentemente, provém de uma única fonte, o ser humano. O potencial imaginário da espécie humana, por força de sua herança biológica, garantiu a elaboração de diferentes ordens sociais. É no interior destas novas ordens que a liberdade primordial sofre os primeiros ajustes. A questão é saber por que os ajustes acabaram por impor formas e mecanismos de participação. Assim, aqueles que não se submetiam, seja por incapacidade seja por recusa, eram marginalizados ou excluídos. No dizer de Zigmunt Bauman “todas as sociedades produzem estranhos”.²⁹³ (O mal-estar da pós-modernidade). Os estranhos são aqueles que não se encaixam na ordem proposta. Além disso, cada sociedade gera seus próprios estranhos de “maneira própria e inimitável”.²⁹⁴

Por fim, parece que todos os mecanismos de inclusão giram em torno do mercado de trabalho. Justamente este último ponto será sublinhado nesta reflexão diante da variedade de procedimentos que adotam os esportes como uma das grandes alternativas de inclusão social. Os fatos são muitos, e conhecidos. Vejamos um.

Daniel Larriqueta, economista e historiador argentino, em seu artigo Los excluídos incurables, publicado no jornal La Nacion, refere-se a uma pesquisa feita na província de Mendonza que revela a existência de 40 mil jovens que não trabalham e não estudam. Os programas de inclusão conseguiram apenas um resultado de 4%. A proposta de inclusão sugerida, segundo seu relato, consistiria em

²⁹¹ Apud La Boétie, Etienne De. Discurso da Servidão Voluntária. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 209.

²⁹² Apud La Boétie. Id. Ibid.

²⁹³ Bauman, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 27.

²⁹⁴ Bauman, Z. id. Ibid.

oferecer práticas esportivas e algumas formas de atividades artísticas que possam ser oferecidas e sistematizadas através de clubes e outras instituições. É partir destes atrativos que se poderá propor posteriormente o conjunto da formação laboral e da educação mais completa.²⁹⁵

As palavras de Larriqueta não necessitam de comentários. Elas são suficientemente claras e explícitas. Ele trata do esporte em geral como forma de disciplinar para o trabalho. As práticas esportivas ou artísticas são apenas um meio de se chegar ao trabalho. Nesta reflexão, entretanto, o que está em jogo é o potencial das ciências do esporte como possibilidade de transformar o próprio esporte em uma atividade laboral, isto é, de inclusão no sistema produtivo.

Então vejamos algumas iniciativas do Ministério do Esporte. Sob a égide da política de que o “ministério quer descobrir talentos esportivos” foi fixada a data cinco de setembro como o “Dia da Descoberta do Talento Esportivo”, coroamento e continuidade do “Projeto Descoberta de Talentos Esportivos. Sua concretização dar-se-ia através de programas, entre eles o “Talentos Esportivos na Escola” que visaria avaliar 100 mil estudantes, entre 10 a 15 anos, para identificar os atletas do futuro. E numa previsão futura avaliar até 1,9 milhão de estudantes das escolas selecionadas”.²⁹⁶

Portanto, filosofar sobre as ciências do esporte e inclusão social significa entrar no universo que tais fenômenos desenharam para a existência humana, e tentar compreender e interpretar a polissemia de sua fenomenologia.

Conclusão

Quatro questões:

1. As ciências: liberdade e escravidão

As ciências aplicadas às atividades humanas potencializam suas capacidades físicas e mentais. Esta é uma constatação inegável, mas é um ponto de partida. A questão, que já foi posta, está direcionada ao objetivo maior de servir à melhoria de vida e sobrevivência da espécie humana. Neste sentido, Husserl, já citado, se revelou um crítico veemente dos rumos das ciências. Há uma infinidade de autores que seguem o pensamento husserliano levantando outros aspectos da questão. Por exemplo, o professor Galeno Vellinho de Lacerda, numa de suas palestras afirmou que “hoje, quem nos indica e identifica os alunos – (podiam ser os talentos esportivos) – é a frieza da máquina, através de um processo de seleção uniforme e massificante”.²⁹⁷ Os parâmetros das ciências servem também como critérios de avaliação da produção científica comparando-os ao mitológico Leito de Procusto como Jesus Djalma Pécora declara, via correio eletrônico. “Na USP-Procusto os professores devem ser pesquisadores e a produção de papers internacionais Qualis A é o tamanho da cama”.

2. As ciências aplicadas aos esportes e seus conflitos: rendimento e qualidade de vida: competição e solidariedade; vitória e derrota. O esporte é saúde, é anti-drogas?

Um corpo físico ou vivo – Albert Jaquart chama a atenção dos biólogos que, ao descreverem o funcionamento dos organismos vivos, recorrem a conceitos que retiram da física.

²⁹⁵ Jornal, La Nacion. Buenos Aires, jueves 13 de marzo de 2008, p. 23.

²⁹⁶ Site do ministério do Esporte. Agosto de 2004.

²⁹⁷ Lacerda, Galeno Vellinho de. S/R

A parte e o todo.

Estaríamos diante de um dilema. Ou é uma coisa ou é outra? A harmonização seria possível?

3. A questão dos talentos esportivos.

Um processo de inclusão ou de exclusão?

Observando os programas oficiais, visam o alto rendimento e a competição. No primeiro caso, a herança genética é prioritária ou é apenas tomada como um potencial inicial a ser explorado? Mais, o que garante maior inclusão, o privilegiamento da parcela de talentos selecionados ou a grande parte dos eliminados? Quando se opta pelos mais dotados, isto é, os de maior retorno do investimento, não se estaria fortalecendo a ideologia da sociedade competitiva que prefere encher os pratos dos mais favorecidos e não dos mais famintos?

4. Competição e solidariedade ou cooperação.

Uma última interrogação, sendo o esporte moderno científico baseado na competição, o que obriga vencer o outro, é possível se pensar em solidariedade e cooperação? Por que só um lado pode festejar? De um lado a alegria e a esta, do outro lado o choro e as lágrimas.

Um desafio

Construir soluções

Por fim uma proposta desafiante dirigida, em primeiro lugar, aos que ainda acreditam que as ciências e as tecnologias são o maior, senão o único, caminho de redenção do ser humano, para que suspendam seus ídolos – na linguagem de Bacon – ou pratiquem as epochés – propostas por Husserl – e, segundo lugar, para aqueles que não confiam tanto nas ciências e nas tecnologias, embora dispensados da prática iconoclasta baconiana e da catarse husserliana, para que os dois grupos, num momento de luminosidade humana, desviem o olhar das ciências e procurem saberes em lugares não convencionais, de repente podem ser surpreendidos por poemas como este, coletado por Frei Beto que, segundo ele, algum mendigo anônimo com vocação poética possa ter gravado num muro:

“Pra falar a verdade
 nunca tive pijama,
 pra quê se nunca tive cama?
 Verdade verdadeira, nunca tive um brinquedo,
 apenas tive medo.
 Mas hoje há tanto frio, tanta umidade,
 que invento um cobertor de sol poente
 e um pijama de sol em cama quente.
 É bom brincar, sonhar em ser gente”²⁹⁸.

Essa sabedoria nos leva a oferecer, não índices olímpicos ou de alto rendimento, mas possibilidades de brincar e de sonhar em ser gente.

A educação física que elegeu o esporte de rendimento como seu conteúdo principal, talvez,

²⁹⁸ Beto, Frei. “Gente de Rua”, artigo, Jornal Correio Riograndense, Caxias do Sul, RS. 17.01.2007.

um dia encontre um poema mendigo e se lembre que, além de se preocupar com dietas para atletas, descubra a existência de milhares de crianças não selecionadas que, em nossos países, sonham com uma nutrição saudável sem a ilusão de pódios, medalhas e recordes.

Numa ilha, maldita pela opinião pública mundial, nas portas de sua capital, foram fixados esses cartazes: “A cada ano 80 mil crianças morrem de doenças evitáveis. Nenhuma delas é cubana”. Esta noite 200 milhões de crianças dormirão nas ruas do mundo. Nenhuma delas é cubana”.

Com estes objetivos, talvez, um dia possamos erguer esses cartazes: “A cada ano, milhares de crianças morrem, no Brasil, de doenças evitáveis. Nenhuma delas é pelotense”. Esta noite milhares de crianças dormirão nas ruas do Brasil. Nenhuma delas é pelotense”.

Silvino Santin
Santa Maria, 11.06.2008.